

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

ALEXANDRA APARECIDA DA SILVA AMORIM

ENTENDENDO OS OLHARES DA ALFABETIZAÇÃO

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

**MEDIANEIRA - PR
2018**

ALEXANDRA APARECIDA DA SILVA AMORIM



ENTENDENDO OS OLHARES DA ALFABETIZAÇÃO

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação – Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UFRPR – Campus Medianeira.

Orientador: Prof. Me. Cidimar Ortiz dos Santos

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

MEDIANEIRA - Pr



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de
Ensino



TERMO DE APROVAÇÃO

ENTENDENDO OS OLHARES DA ALFABETIZAÇÃO

Por

Alexandra Aparecida da Silva Amorim

Esta monografia foi apresentada às..... h do dia..... de..... de **2018** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo de Paranavaí Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho

Prof^a. Me. Cidmar Ortiz dos Santos.
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientador)

Prof Dr. Henry Charles Albert D Naidoo Terroso De Mendonca
Brandao.....
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof^a. Ma. .Marlene Lucia Holz Donel.
UTFPR – Câmpus Medianeira

AGRADECIMENTOS

A DEUS

Ao Senhor JESUS

A minha amada família

A todos os professores que me auxiliou nessa minha caminhada

E a todas as pessoas que direto ou indiretamente contribuíram para realização de mais uma etapa cumprida em minha vida.

A todos muito obrigada!

Que Deus os abençoe.

"A educação é aquilo que permanece depois que tudo o que aprendemos foi esquecido."

Burrhus Frederic Skinner

RESUMO

AMORIM, Alexandra Aparecida da Silva. Entendendo os Olhares da Alfabetização. 2018. 42 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2018.

A presente pesquisa buscou na revisão de literatura o embasamento teórico necessário para se discutir as questões referentes à alfabetização e ao letramento, Consideramos que pesquisa bibliográfica auxilia também na realização de análise das características físicas, emocionais, cognitivas, sociais da criança em fase de alfabetização. Irá refletir acerca dos rumos que vêm sendo tomados na atual sociedade globalizada que, por meio de inovações metodológicas e com base em novas tecnologias, viabilizar-se de vários recursos em suas diferentes disciplinas, buscar-se uma prática diferenciada de trabalho, em que o alfabetizando não somente construa um conhecimento sobre a língua escrita, mas consiga utilizá-la na sociedade e apropriar-se de práticas sociais específicas. Sendo assim, devemos buscar um trabalho global, contextualizado dentro da alfabetização, integrando as diferentes disciplinas que envolvem esse processo para torná-lo significativo para a criança.

Palavras-chave: Alfabetização; disciplinas; letramento; criança.

ABSTRACT

AMORIM, Alexandra Aparecida da Silva. Understanding The eyes of education. 2018. 42 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2018.

To present research it looked for in the literature revision the necessary theoretical embasamento to discuss the referring subjects to the literacy and the letramento, besides, the bibliographical research also aids in the accomplishment of an analysis of the physical, emotional, cognitive characteristics, social of the child in literacy phase. He/she will contemplate concerning the directions that come being taken in the current society globalizada that, by means of methodological innovations and with base in new technologies, it can be used of several resources in its different disciplines, a differentiated practice of work is looked for, in that alphabetizing it not only it builds a knowledge on the language writing, but that gets to use it in society and to adapt of specific social practices. Being like this inside search a global work of the literacy, where it will integrate different disciplines involving the literacy process, as contextualizá-lo form and to turn it significant for child.

Word-key: Literacy; disciplines; letramento; child.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2. PROCEDIMENTO METODOLOGICO DA PESQUISA.....	11
3. DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA.....	12
3.1 ALFABETIZAÇÃO.....	12
3.2 REFLEXÃO SOBRE A ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....	14
3.3.1 Por que surgiu a palavra letramento?	16
3.2 O SIGNIFICADO DO APRENDER A LER E A ESCREVER.....	17
3.2.1 As dimensões do aprender a ler e a escrever.....	18
3.2.2 Os motivos pelos quais tantos deixam de aprender a ler e a escrever.....	20
3.3.3 A Literatura e o Prazer de Ler/Escriver.....	22
3.4 ALFABETIZAÇÃO SIGNIFICATIVA: INDO ALÉM DA DECODIFICAÇÃO....	23
3.5 O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO ATUAL.....	26
3.6 CARACTERÍSTICAS DA CRIANÇA EM FASE DE ALFABETIZAÇÃO.....	27
3.7 CARACTERÍSTICAS FÍSICAS E PSICOLÓGICAS.....	31
3.8 A CRIANÇA EM FASE DE ALFABETIZAÇÃO E A COGNIÇÃO.....	33
3.9 A PERSONALIDADE DA CRIANÇA EM FASE DE ALFABETIZAÇÃO.....	36
3.10 A SIGNIFICAÇÃO DA ESCRITA PELA CRIANÇA.....	38
3.11 O SENTIDO DA INTERDISCIPLINARIDADE NA EDUCAÇÃO.....	40
3.12 O PAPEL DO EDUCADOR NO LETRAMENTO COMO “PROFESSOR-LETRADOR”	43
4.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

A alfabetização é o desenvolvimento da leitura e escrita para utilização no seu meio como código de comunicação, é o uso da linguagem de maneira geral. Esse processo não se resume na capacidade de decodificar sons e letras, mas de interpretar e compreender a palavra em diversos contextos pois leva o indivíduo a construir a gramática em suas variações.

A alfabetização é fundamental na vida das pessoas, desenvolve a sociedade leva o indivíduo entender sobre o aspecto social e cultural, entende melhor seus direitos e deveres já que possibilita o estabelecimento de novos tipos de trocas simbólicas com outros indivíduos, acesso a bens culturais, prepara para a vida pessoal e profissional.

A presente pesquisa busca na revisão de literatura o embasamento teórico necessário para se discutir as questões referentes à alfabetização e ao letramento, bem como sua articulação com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) e a questão da interdisciplinaridade na educação. Além disso, a pesquisa bibliográfica auxiliará também na realização de uma análise das características físicas, emocionais, cognitivas, sociais da criança em fase de alfabetização. Serão reunidos subsídios para a elaboração de uma proposta de alfabetização que venha de encontro a um trabalho que contemple uma atuação interdisciplinar. Serão realizadas através de pesquisas em livros, revistas, Internet etc.

Saber ler e escrever, é insuficiente para que o indivíduo consiga competir na sociedade, não garante a uma pessoa interação plena com os diferentes tipos de textos que circulam na sociedade.

Diante da complexidade do trabalho com a alfabetização, percebe-se que existe uma real necessidade de se analisar a prática do professor, para que se garanta um processo de aprendizagem e troca de experiências, ele tem que encontrar meios para que o aluno se interesse em aprender. Desta forma, percebe-se a importância de uma boa aprendizagem de leitura e escrita para que os alunos tenha facilidade de desenvolver no futuro melhor seu papel de cidadão que consiga

ir além da pura e simples decodificação de sons e letras, e apreendam sua importância e aplicação no mundo em que estão inseridos. Apresentar uma proposta de trabalho interdisciplinar em alfabetização, como forma de desenvolver uma aprendizagem da leitura e escrita realmente significativa para o educando, levando-se em conta sua utilização na sociedade da informação onde irá Analisar diferentes métodos de alfabetização, envolvendo conceitos, objetivos e suas práticas.

2.PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS DA PESQUISA

A presente pesquisa buscará na revisão de literatura ou embasamento teórico subsídios necessários para discutir as questões referentes à alfabetização e ao letramento, bem como sua articulação com os parâmetros Curriculares Nacionais (1997) a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) e a questão de interdisciplinaridade na educação. Além disso a pesquisa bibliográfica auxiliará também no entendimento das características físicas, emocionais, cognitivas e sociais das crianças em fase de alfabetização. Serão reunidos subsídios para essas informações levantadas, poderão subsidiar propostas futuras de alfabetização num trabalho que contemple uma atuação interdisciplinar. Estaremos utilizando como recurso de pesquisa revistas, internet e livros didáticos de alfabetização, com suas múltiplas facetas e concepções de ensino, aprendizagem e de língua subjacentes e que permeiam sua doação

3. DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

3.1 ALFABETIZAÇÃO

É de fundamental importância que o trabalho com crianças em fase de alfabetização seja pleno de descobertas e significados, constituindo-se num real prazer tanto para alunos, como para os educadores, tornando-se efetivamente uma aprendizagem significativa, capaz do aluno se tornar um sujeito crítico, reflexivo e participante na sociedade

A leitura precisa ter como objetivo essencial a compreensão e não um ato mecânico.

Torna-se inegável o fato de que o processo de alfabetização serve de integração entre as diferentes disciplinas trabalhadas com os alunos, pois o acesso a todo o processo de conhecimento acumulado historicamente é feito basicamente através do sistema de representação gráfico.

Pode-se considerar, portanto, que no acesso a qualquer informação por parte da criança (a leitura de um outdoor, de um folder, os jogos na Internet, o assistir a um vídeo) ela estará utilizando seu conhecimento sobre a leitura e escrita. De forma idêntica, em todas as disciplinas desenvolvidas na escola, a criança estará fazendo uso da escrita, sob uma ótica diferente. Exatamente pelo fato de utilizar-se a escrita dentro de um contexto diferente do trabalho em sala de aula é que a aprendizagem torna-se tão importante e significativa, e não deve ser deixada de lado.

O fato de os professores trabalharem de forma isolada, cada qual ministrando sua disciplina, em seu ambiente de aprendizagem e ocorrendo escassas reuniões de troca com os professores regentes (na maioria das vezes nos conselhos de classe, para se tratar mais exclusivamente dos problemas) faz com que o desenvolvimento do trabalho perca um pouco do seu brilho e de sua totalidade.

A necessidade de se buscar o trabalho de forma integrada torna-se cada vez mais importante, uma vez que a tarefa dos educadores atualmente precisa estar direcionada à formação de cidadãos voltados para um mundo em constante

transformação nas suas escritas, e cada vez mais exigente quanto à qualidade da leitura e sua interpretação.

De acordo com Neves (2001) o ler e escrever implica um redimensionamento de nossas práticas e nossos espaços. O aluno precisa ser convidado a construir suas próprias hipóteses a respeito do sentido do que lê e assumir pontos de vista próprios para escrever a respeito do que vê, que sente, do que viveu, do que leu, do que ouviu em aula, do que viu no mundo lá fora, promovendo em seus textos um diálogo entre vida e escola, entre disciplina e mundo. Desta forma, ler e escrever são tarefas na escola, em cada sala de aula, na biblioteca, estabelecendo-se uma integração entre as diferentes disciplinas desenvolvidas.

Guedes e Souza in Neves (2001) tecem um comentário bem significativo com relação ao papel da escola na construção de um saber sobre a leitura e escrita:

Ler e escrever são tarefas da escola, questões para todas as áreas, uma vez que são habilidades indispensáveis para a formação de um estudante, que é responsabilidade da escola. Ensinar é dar condições ao aluno para que ele se aproprie do conhecimento historicamente construído e se insira nessa construção como produtor do conhecimento. Ensinar é ensinar a ler para que o aluno se torne capaz dessa apropriação, pois o conhecimento acumulado está escrito em livros, revistas, jornais, relatórios, arquivos. Ensinar é ensinar a escrever porque a reflexão sobre a produção de conhecimento se expressa por escrito. (GUEDES & SOUZA in NEVES, 2011, p. 15)

O fato de se trabalhar a alfabetização de forma globalizada contribuirá para que o aluno possa vir a realizar leitura, desenvolvendo a habilidade de dialogar com os textos lidos, interpretando o real significado de cada palavra dentro de um contexto, contribuindo para a formação de sua cidadania, cultura e sensibilidade.

3.2 REFLEXÃO SOBRE A ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Na atual sociedade globalizada e industrializada a qual vivemos, a escrita pode ser considerada onipresente. Ela faz parte do cotidiano, muitas vezes, sem que se dá conta dela. Este aprendizado se torna tão familiar que passa despercebido para os grupos letrados. Convém fazer uma análise do que exatamente alguns autores entendem por letramento e alfabetização.

Magda Soares (2001) analisa os termos alfabetização e letramento a partir das definições do Dicionário Aurélio, onde alfabetizar teria como significado ensinar a ler e alfabetizado o indivíduo que sabe ler (em ambos os casos o dicionário enfoca a questão da leitura deixando de lado a escrita). Já, letrado no mesmo dicionário, está conceituado como aquele que é versado em letras, erudito e iletrado como aquele que não tem conhecimentos literários. O termo letramento não está registrado neste dicionário ainda.

Esta mesma autora comenta sobre a questão do termo letramento, o qual tem sua origem no inglês literacy, e poderia ser definido como o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Nesta idéia, torna-se implícita a noção de que a escrita traz conseqüências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, lingüísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la. Sendo assim, a autora conceitua letramento como o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como conseqüência de ter-se apropriado da escrita.

Socialmente e culturalmente, a pessoa letrada já não é a mesma que era quando analfabeta ou iletrada, ela passa a ter uma outra condição social e cultural – não se trata propriamente de mudar de nível ou de classe social, cultural, mas de mudar seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura – sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente. (SOARES, 2004, p. 37)

Outra questão fundamental levantada por Soares (2001) diz respeito ao significado da apropriação da escrita:

...ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler e escrever: aprender a ler e escrever significa adquirir uma tecnologia,

a de codificar em língua escrita e de decodificar a língua escrita; apropriar-se da escrita é tornar a escrita "própria", ou seja, é assumi-la como sua propriedade. (SOARES, 2001, p. 39)

Portanto, torna-se claro a relação existente entre letramento e a participação do indivíduo em sociedade, não apenas conhecendo o mecanismo da leitura e da escrita, mas apropriando-se deste conhecimento e utilizando-o em sua vivência. Esta aprendizagem, sem dúvida, causa uma grande transformação, com grandes conseqüências no dia-a-dia do educando, tanto em termos emocionais, como sociais, culturais, cognitivos e lingüísticos.

Termos despertado para o fenômeno do letramento - incorporando essa palavra ao nosso vocabulário educacional - significa que já compreende que o problema não é apenas ensinar a ler e a escrever, mas é, também, e sobretudo, levar os indivíduos - crianças e adultos - a fazer uso da leitura e da escrita, envolver-se em práticas sociais de leitura e de escrita.

No entanto, o nível de letramento de grupos sociais relaciona-se fundamentalmente com as suas condições sociais, culturais e econômicas. É preciso que haja, pois, condições para o letramento.

Uma primeira condição é que haja escolarização real e efetiva da população - só nos demos conta da necessidade de letramento quando o acesso à escolaridade se ampliou e tivemos mais pessoas sabendo ler e escrever, passando a aspirar a um pouco mais do que simplesmente aprender a ler e a escrever.

3.1 Por que surgiu a palavra letramento?

O letramento se tornou necessário porque a partir do século XX não bastava apenas ler e escrever, o indivíduo tem que entender em diversos contextos as Palavras para utilizar no mundo que está inserido.

. Por meio do estudo historiográfico, verifica-se, como em momentos diferentes da História, vão surgindo novas forma de ensino da leitura e da escrita, como a partir do século XX a alfabetização, sendo esta influenciada por diferentes métodos e diferentes teorias ao longo do tempo. Com o passar do tempo o analfabetismo foi sendo superado, porque a sociedade está focada na escrita. (Gafocentrismo).

Após este período os indivíduos se alfabetizam, mas com a evolução da modernidade ser alfabetizado não basta, porque não adquire competência para usar a leitura e a escrita na vida social.

De olho nessa necessidade e com o desenvolvimento cultural, social, econômico e político surgiu o novo fenômeno nomeado letramento.

3.2 O SIGNIFICADO DO APRENDER A LER E A ESCREVER

Conceder que os indivíduos consiga alcançar uma alfabetização significativa, podendo inserir-se criticamente na vida social, a aprendizagem da língua escrita deixa de ser uma questão de escolaridade para alçar-se à esfera política, evidentemente pelo que representa o investimento na formação humana. Nas palavras de Emilia Ferreiro, 2001. “A escrita é importante na escola, porque é importante fora dela e não o contrário”

Ler é um conjunto de habilidades e comportamentos que se estendem desde simplesmente decodificar sílabas ou palavras até ler Grande Sertão Veredas de Guimarães Rosa... uma pessoa pode ser capaz de ler um bilhete, ou uma história em quadrinhos, e não ser capaz de ler um romance, um editorial de jornal... Assim: ler é um conjunto de habilidades, comportamentos, conhecimentos que compõem um longo e complexo continuum (SOARES 2000)

Em que ponto desse continuum uma pessoa deve estar, para ser considerada alfabetizada, no que se refere à leitura? A partir de que ponto desse continuum uma pessoa pode ser considerada letrada, no que se refere à leitura?

Escrever é também um conjunto de habilidades e comportamentos com o propósito de transmitir ideias... uma pessoa pode ser capaz de escrever um bilhete, um poema de amor mas não ser capaz de escrever uma redação defendendo um ponto de vista, ... Assim: escrever é também um conjunto de habilidades, comportamentos, conhecimentos que compõem um longo e complexo continuum: em que ponto desse continuum uma pessoa deve estar, para ser considerada alfabetizada ou letrada no que se refere à escrita?

Conclui-se que há diferentes tipos e níveis de letramento, dependendo das necessidades, das demandas do indivíduo e de seu meio, do contexto social e cultural.

3.2.1 As dimensões do aprender a ler e a escrever

Durante muito tempo a alfabetização foi entendida como codificação e decodificação usando as famílias silábicas. O simples entendimento que permitia aos sujeitos associar sons e letras para produzir e interpretar parecia ser suficiente para diferenciar o alfabetizado do analfabeto.

Com o tempo, a superação do analfabetismo e a crescente complexidade de nossas sociedades fazem surgir maiores e mais variadas práticas de uso da língua escrita.

Foram no contexto das grandes transformações culturais, sociais, políticas, econômicas e tecnológicas que o termo “letramento” surgiu, ampliando o sentido do que tradicionalmente se conhecia por alfabetização (Soares, 2001).

A partir daí a escrita não era só meta de conhecimento, mas também engajamento em práticas sociais letradas, respondendo aos inevitáveis apelos de uma cultura grafocêntrica.

Assim, enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de uma sociedade (Tfouni, 1995, p. 20).

Com a apreensão de diferenciar a aprendizagem da leitura e a escrita na escola e a vida social Kleiman, apoiada nos estudos de Scribner e Cole, define o letramento como

... um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos. As práticas específicas da escola, que forneciam o parâmetro de prática social segundo a qual o letramento era definido, e segundo a qual os sujeitos eram classificados ao longo da dicotomia alfabetizado ou não-alfabetizado, passam a ser, em função dessa definição, apenas um tipo de prática – de fato, dominante – que desenvolve alguns tipos de habilidades mas não outros, e que determina uma forma de utilizar o conhecimento sobre a escrita. (1995, p. 19)

Soares valoriza o impacto estimativo que este conjunto de práticas sociais representa para o indivíduo, o puro domínio do sistema de escrita:

Alfabetização é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever, ou seja: o domínio da tecnologia – do conjunto de técnicas – para exercer a arte e ciência da escrita. Ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se *Letramento* que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos (In Ribeiro, 2003, p. 91).

Aprender a ler e a escrever implica não apenas o conhecimento das letras e a decodificação, mas a possibilidade de usar esse conhecimento no contexto cultural. Em função disso,

Talvez a diretriz pedagógica mais importante no trabalho (...dos professores), tanto na pré-escola quanto no ensino médio, seja a utilização da escrita verdadeira nas diversas atividades pedagógicas, isto é, a utilização da escrita, em sala, correspondendo às formas pelas quais ela é utilizada verdadeiramente nas práticas sociais. Nesta perspectiva, assume-se que o ponto de partida e de chegada do processo de alfabetização escolar é o texto: trecho falado ou escrito, caracterizado pela unidade de sentido que se estabelece numa determinada situação discursiva. (Leite, p. 25)

3.2.2 Os motivos pelos quais tantos deixam de aprender a ler e a escrever

Por que será que tantas crianças e jovens deixam de aprender a ler e a escrever? Por que é tão difícil integrar-se de modo competente nas práticas sociais de leitura e escrita?

Se descartássemos as explicações mais simplistas (verdadeiros mitos da educação) que culpam o aluno pelo fracasso escolar; se admitíssemos que os chamados “problemas de aprendizagem” se explicam muito mais pelas relações estabelecidas na dinâmica da vida estudantil; se o desafio do ensino pudesse ser enfrentado a partir da necessidade de compreender o aluno para com ele estabelecer uma relação dialógica, significativa e compromissada com a construção do conhecimento; se as práticas pedagógicas pudessem transformar as iniciativas meramente instrucionais em intervenções educativas; talvez fosse possível compreender melhor o significado e a verdadeira extensão da não aprendizagem e do quadro de analfabetismo no Brasil. (FREIRE, 1997)

Nesse sentido, os estudos sobre o letramento se prestam à fundamentação de pelo menos três hipóteses não excludentes para explicar o fracasso no ensino da língua escrita. As práticas letradas de diferentes alunos situados em comunidades diferentes, são muitas vezes distantes do letramento. As formas diversas de valorizar a escrita, os diferentes usos, as várias linguagens, os possíveis significados muitas vezes percorrer uma longa trajetória, cuja duração não está prevista nos padrões inflexíveis da programação curricular.

Em segundo lugar é preciso considerar a reação do aprendiz, diante da proposta pedagógica muitas vezes autoritária, artificial e pouco significativa. Na dificuldade de lidar com a lógica do aprenda primeiro para depois ver para que serve, muitos alunos parecem pouco convencidos a mobilizar os seus esforços cognitivos em benefício do aprender a ler e a escrever (Carragher, e Schileimann, 1989; Colello, 2003, Colello e Silva, 2003).

Alfabetizar letrando, devemos admitir que o processo de aquisição da língua escrita está fortemente vinculado a uma nova condição cognitiva e cultural.

Há uma dimensão de poder envolvida no processo de aculturação efetivado na escola: aprender – ou não – a ler e escrever não equivale a aprender uma técnica ou um conjunto de conhecimentos. O que está envolvido para o aluno adulto é a aceitação ou o desafio e a rejeição dos pressupostos, concepções e práticas de um grupo dominante – a saber, as práticas de letramento desses grupos entre as quais se incluem a leitura e a produção de textos em diversas instituições, bem como as formas legitimadas de se falar desses textos -, e o conseqüente abandono (e rejeição) das práticas culturais

primárias de seu grupo subalterno que, até esse momento, eram as que lhe permitiam compreender o mundo. (Kleiman, 2001, p. 271)

Kleiman (2001) expõe o caso da professora que propôs aos alunos examinar bula de remédio. Como recurso didático até bem intencionado, o objetivo da tarefa era o de aproximar os alunos da escrita, favorecendo a compreensão de seus usos, nesse caso, chamando a sua atenção para os perigos da automedicação e para a importância de se informar antes de tomar uma medicação mas um grupo de alunos não gostaram de fazer parte da medicina onde nem todos tem acesso.

O professor tem que construir novos contextos de inserção social, oferecer práticas pedagógicas, porque a negação do mundo letrado acaba por expulsar o aluno da escola, um destino cruel.

3.3.3 A Literatura e o Prazer de Ler/Escrever

A literatura, embora não constitua uma disciplina antes do Ensino Médio, deve ser objeto de leitura e escrita desde a Educação Infantil. O trabalho que envolve a leitura e interpretação de um livro literário se torna muito mais rico e gostoso para as crianças. Um conteúdo que é ministrado pela primeira vez, tendo como procedimento inicial os encaminhamentos com a leitura e interpretação de uma história, torna-se carregado de significados e relações para a criança.

Porém, há que se tomar certo cuidado, para não se fazer do livro literário um pretexto para se trabalhar conteúdos, esquecendo-se de desenvolver sua função mais importante: a leitura pelo simples prazer de ler, pelo entretenimento e diversão. Buscar sempre um livro literário que trabalhe um conteúdo específico, pode se tornar monótono e cansativo para a criança, e o que é ainda pior, deixando-a com pouca vontade de procurar uma leitura-prazer.

Proporcionar oportunidades de contato com diferentes autores, textos e analisar diferentes possibilidades de interpretação de um mesmo livro, são algumas das habilidades a serem trabalhadas nesta área. Faz-se necessário tomar alguns cuidados no momento da interpretação de um texto, para não impor aos alunos uma única leitura possível, mas explorá-lo em toda sua totalidade, discutindo diferentes pontos de vista, considerando a participação de todos nesta análise.

Desde que bem planejado pelo professor, o livro literário e o trabalho com a literatura, podem servir de base para o desenvolvimento de qualquer temática dentro de um projeto. Sendo bem elaborada, a literatura constituirá uma das disciplinas que conseguirá reunir as demais, dentro de um tema, estabelecendo as conexões necessárias ao processo de alfabetização.

Convém destacar que, apesar do contato muito grande da criança com a literatura antes do período escolar, o encontro decisivo entre ela e os livros ocorre nas escolas. Se este encontro acontecer de forma criativa, em que a vivência e expectativas do aluno são levadas em conta, poderá gerar aquele tão comentado gosto pela leitura, com o qual ninguém nasce, mas que se desenvolve de acordo com as experiências vivenciadas pelas pessoas

3.4 ALFABETIZAÇÃO SIGNIFICATIVA: INDO ALÉM DA DECODIFICAÇÃO

É de fundamental importância que o trabalho com crianças em fase de alfabetização seja pleno de descobertas e significados, constituindo-se num real prazer tanto para alunos, como para os educadores, tornando-se efetivamente uma aprendizagem significativa.

Primeiramente, não se pode esquecer que produzir bons leitores consiste num dos desafios para os educadores e alfabetizadores em todo o mundo. A leitura precisa ter como objetivo essencial a compreensão e não a mera decodificação de sons e letras.

Segundo Carvalho (2002) a maneira pela qual o alfabetizador encara o ato de ler determina, em grande parte, sua maneira de ensinar. Praticamente todo o trabalho de alfabetização em nossas escolas (seja qual for o método adotado) parte do pressuposto de que o importante é ensinar o mecanismo de decodificação, porque depois a compreensão virá automaticamente.

O pressuposto está errado. Antes mesmo de ensinar a decodificar as letras e sons, é preciso mostrar aos alunos o que se ganha, o que se obtém com a leitura, mas isto só será possível por meio de atividades que façam sentido, atividades de compreensão de leitura desde as etapas iniciais de alfabetização.

Com relação à escolha de metodologia a ser utilizada na alfabetização, Carvalho (2002) comenta que métodos diferentes enfatizam habilidades, competências diferentes.

Esta mesma autora ressalta que é a competência do professor, seu envolvimento com o trabalho, a atitude encorajadora e confiante em relação aos alunos que pesam mais para o sucesso da alfabetização do que propriamente o método adotado.

Ainda com relação à metodologia a ser utilizada, convém ressaltar que:

Se quisermos induzir as crianças a se tornarem leitores, nossos métodos de ensino devem estar em concordância com a riqueza do vocabulário falado pela criança, em concordância com a sua inteligência, com sua curiosidade natural, sua ânsia de aprender coisas novas, seu desejo de desenvolver a sua mente e sua

compreensão do mundo, e seu desejo ávido de que se estimule a sua imaginação – em resumo, tornando a leitura uma atividade de interesse intrínseco. (BETTELHEIM & ZELAN, 1984, p. 35)

Convém ressaltar que nem sempre a aprendizagem da leitura e da escrita torna-se significativa para a criança, uma vez que são ignoradas sistematicamente as práticas sociais mais amplas para as quais a leitura e a escrita são necessárias, e nas quais serão efetivamente colocadas em uso. O que deveria ser priorizado, nesta fase de construção do conhecimento, seriam os aspectos construtivos das produções infantis durante a alfabetização.

De acordo com Bettelheim e Zelan (1984) todos os esforços iniciais da aprendizagem da leitura e escrita deveriam ser dirigidos para a questão do significado do que se está lendo. Eles afirmam que se a leitura for ensinada como decodificação, ela se tornará uma atividade totalmente desprovida de significado.

Para Tfouni (1995) a inserção em uma sociedade letrada não garante formas iguais de participação. O domínio de um script e das práticas discursivas determinadas pelo discurso da escrita garantem uma participação mais efetiva nas práticas sociais, além de darem aquela ilusão necessária, mesmo sendo ilusão, de que fazemos um com o que pensamos e com o que escrevemos.

Decroly citado em Carvalho (2002) sustentava a idéia da globalização do ensino, isto é, da supressão das barreiras e demarcações entre as várias disciplinas escolares. Em vez de apresentar os conteúdos em aulas separadas, o professor deveria explorar um determinado assunto sob os seus diferentes ângulos, encontrando as ligações entre as diferentes áreas do conhecimento. O mais interessante desta abordagem interdisciplinar é tornar a aprendizagem adequada às características psicológicas da criança, que percebe o objeto do conhecimento como um todo. Não é próprio da criança analisar o todo para formar a idéia do conjunto, mas sim apreender a totalidade de forma global.

Soares in Rojo (1998), complementa a idéia exposta acima, afirmando que o processo de alfabetização pode ser considerado um fenômeno complexo e com uma multiplicidade de facetas.

... a multiplicidade de perspectivas e a pluralidade de enfoques sobre alfabetização não trarão colaboração realmente efetiva, enquanto

não se tentar uma articulação das análises provenientes de diferentes áreas de conhecimento, articulação que busque ou integrar estruturalmente estudos e resultados de pesquisa, ou evidenciar e explicitar incoerências e resultados incompatíveis (SOARES in ROJO, 1998, p. 36).

Sendo assim, percebe-se a necessidade de se entender a alfabetização como um processo bem mais amplo, mudando o enfoque mais comum de aquisição individual da leitura e escrita, para um processo de leitura e escrita mais abrangente, construído a partir da leitura de vários referenciais teóricos, buscando um diálogo contínuo interdisciplinar entre as diferentes áreas que produzem conhecimento sobre alfabetização e, indo além, buscando-se uma prática diferenciada com o aluno, num trabalho integrado entre as diferentes áreas do conhecimento da turma de primeira série.

Soares (2001) comenta que alfabetizar e letrar constituem duas ações distintas, mas que são inseparáveis, uma vez que o ideal seria alfabetizar letrando "ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado".

Cagliari in Rojo (1998) afirma que o papel da escola e do educador consiste basicamente em viabilizar oportunidades para as crianças vivenciarem o que precisam aprender, sentirem que o que estão aprendendo realmente tem significado para elas e vale a pena ser feito. Dentro desta perspectiva, cabe ao professor-alfabetizador a tarefa de construir com seus alunos um processo de aprendizagem equilibrado e adequado, não sendo um mero espectador do que faz o aluno ou um simples facilitador, mas sim ajudando cada aluno a dar um passo adiante e ir avançando na construção de seus conhecimentos.

Conhecer a realidade do aluno não é uma tarefa metodológica ou psicológica: é interpretar de maneira correta os conhecimentos que o aprendiz tem a respeito do que faz e do jeito que faz. Para isto, o professor não precisa de conselhos pedagógicos, mas de conhecimentos técnicos específicos, detalhados e completos, a respeito do assunto que ensina e das coisas que o aluno está querendo aprender (CAGLIARI, 1998, p. 70).

Finalmente, Mayrink – Sabinson in Rojo (1998) revela outro aspecto a ser destacado na presente análise:

O papel do adulto letrado é, pois, mais ativo que o de simples informante sobre a escrita. É ele quem atribui intenções e interesses à criança, orienta sua atenção para aspectos da escrita, recortando-a com o seu gesto e sua fala, tornando-a significativa. O modo de falar sobre a escrita, as práticas discursivas do adulto, recortadas e incorporadas pelo adulto, num jogo muito mais dinâmico do que o que supõe o elemento letrado como informante sobre a escrita e o elemento não-letrado como aquele que, a partir da informação recebida, vai construir, sozinho, dependendo apenas do seu sistema assimilatório já construído, um conhecimento sobre a escrita (MAYRINK – SABINSON, 1998, p. 111).

Percebe-se o papel fundamental do educador neste processo, mediando à construção do conhecimento sobre a leitura e escrita por parte do aluno. Neste caminhar, é necessário que o professor tenha clareza dos aspectos mais relevantes, principalmente no que diz respeito a atribuir um significado para a escrita, para poder auxiliar seus alunos em busca de uma alfabetização significativa.

3.5 O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO ATUAL

De acordo com a Lei 9394/96, artigo 32: o ensino fundamental terá por objetivo a formação básica do cidadão partindo-se do desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, escrita e do cálculo. Neste mesmo artigo, comenta-se sobre a questão da compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade.

Neste ponto, a Lei parece ressaltar a questão da aquisição da leitura e escrita como de fundamental importância na atualidade, porém não fica bem clara a relação entre a busca da compreensão do mundo que cerca o aprendiz, a partir das habilidades e capacidades alcançadas a partir da alfabetização, parecendo que se trata de condições isoladas, quando na verdade, constituem um complemento uma da outra.

De acordo com os PCNs, o material de leitura tem muita relevância no trabalho de formação de bons leitores, uma vez que as crianças aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura. Fica clara, portanto, a preocupação com a questão do letramento, da utilidade dos conhecimentos aprendidos sobre a alfabetização no dia-a-dia do aluno, ou seja, a aplicabilidade da leitura e escrita em sua função social.

Para que o aluno alcance o objetivo de interpretar e produzir textos, a unidade básica de ensino da leitura e escrita não deve ser nem a letra, nem a palavra e nem a frase descontextualizada. Os PCNs propõem o trabalho com a alfabetização a partir de textos, incluindo-se todas as tipologias textuais. Desta forma, a palavra PARE escrita no asfalto pode originar uma série de discussões e análises, as quais diferem drasticamente da simplista construção de uma lista de palavras iniciadas com P, totalmente fora de contexto.

Finalmente, destaca-se nos Parâmetros que para ler e escrever é preciso pensar sobre a escrita, pensar sobre o que a escrita representa e como ela representa graficamente a linguagem. A partir desta reflexão, a criança conseguirá vivenciar a questão da alfabetização e perceber o processo de forma natural e completa.

Lemle (2001) comenta que o alfabetizando inicia seu processo de leitura e escrita apoiado na primeira hipótese, mas que precisa ir desestruturando este conhecimento para ir avançando gradativamente e superando as dificuldades que forem surgindo. Ela considera que a melhor maneira de ir desestabilizando o aluno e fazê-lo crescer neste sentido seja a proposição de atividades de pesquisa, em que cada um procuraria em revistas e jornais materiais variados acerca de determinada letra ou fonema, fazendo colagens e observando os diferentes sons de uma letra em diferentes contextos.

Vale à pena acrescentar que a relação arbitrária existente na escrita é uma fase de difícil superação, pois até adultos, às vezes, depara-se com dúvidas com relação à grafia de determinada palavra, precisando recorrer ao dicionário para sanar sua dúvida. Com relação a isso:

... o professor não deve dar muita importância a erros de escrita dessa espécie. Gradativamente, com a prática da leitura e da escrita, tais erros diminuirão. A preocupação com a ortografia não deve crescer a ponto de inibir a expressão escrita da criança. (LEMLE, 2001, p.34)

3.6 CARACTERÍSTICAS DA CRIANÇA EM FASE DE ALFABETIZAÇÃO

Para realizarmos a presente análise, convém destacar as principais características físicas, psicológicas e do desenvolvimento cognitivo da criança na faixa etária de 6/7 anos, uma vez que o conhecimento destas informações é de vital importância para aqueles que se propõem a trabalhar com as questões voltadas para o processo de alfabetização.

Segundo Piaget citado em Seber (1995) a vida social é um dos fatores de construção dos conhecimentos, por isso mesmo tem sentido amplo. As ações dos indivíduos uns sobre os outros devem ser entendidas como um processo interindividual de socialização, cognitivo, afetivo e moral ao mesmo tempo.

De uma maneira geral, a criança que ingressa na primeira série, já tem ou completará 7 anos no decorrer do ano. Porém, percebe-se uma tendência, principalmente por parte dos pais, de apressar cada vez mais este processo, em que se tem muitos alunos que completam esta série com 6 anos, vindo a fazer 7 somente no ano seguinte ao freqüentar a 2.^a série.

O que se pode comentar sobre este fato, é que para alguns alunos, o processo transcorre normalmente, a aprendizagem da leitura e escrita vai se construindo de acordo com o ritmo da turma. Porém, percebe-se que algumas crianças desta faixa etária apresentam a necessidade de um tempo maior para resolver e construir suas hipóteses de escrita, e para elas, este aprendizado acaba se tornando um pouco mais difícil. Além disso, percebe-se que, normalmente, estas questões vêm acompanhadas de outras que necessitam de uma superação, como inseguranças, imaturidade frente aos relacionamentos com amigos e brincadeiras, pequenas dificuldades na coordenação motora fina.

Em linhas gerais, a turma de primeira série sente uma grande atração por questões ligadas a desafios, atividades lúdicas e relacionadas a histórias. Conseguem manter a atenção em uma atividade por um período relativamente longo, desde que esta atividade esteja vinculada a uma questão/tema de seu interesse. O trabalho com atividades de confecção manual (como maquetes, construção de objetos com massa de modelar ou sucata), bem como atividades ao ar livre, caminhadas, trabalho com culinária, brincadeiras e caça ao tesouro, também são fontes de motivação para a turma.

Percebe-se que todo o trabalho realizado a partir das experiências acima citadas, sempre é acompanhado com muito interesse pelas crianças, tornando a aprendizagem dos conteúdos muito prazerosa e significativa.

3.7 CARACTERÍSTICAS FÍSICAS E PSICOLÓGICAS

A criança em fase de alfabetização passa por uma idade de transição, com mudanças fundamentais no aspecto somático e psicológico. Mostra-se normalmente inquieta e está em constante atividade. Costumar ficar sempre em movimento, gostando das brincadeiras que implicam em qualquer tipo de luta e também das brigas. Mantém-se constantemente ocupada e muda de atividade facilmente. Sua atividade motora não se observa apenas quando está em movimento, mas também quando trabalha em algo concreto: bate na mesa com o lápis, não deixa de se mexer quando está sentada na cadeira e adota todo tipo de posturas incorretas para sentar-se. Enfim, a criança desta faixa etária é puro movimento.

Tem dificuldade para manipular idéias opostas: chora e ri, agrada e defende. Ao mesmo tempo, esta faixa etária pode ser considerada uma idade de assimilação, na qual a criança ordena as experiências acumuladas e as relaciona com as novas adquiridas.

O fato de permanecer bastante tempo na escola (cada vez mais os pais têm buscado uma escola em tempo integral ou semi-integral devido às exigências da sociedade), faz com que a criança demonstre reações sociopessoais mais equilibradas, estabelecendo relações mais firmes com os professores e sentindo-se menos dependente da mãe e do pai.

As crianças também sentem uma atração muito forte pelos desenhos e heróis da televisão, sendo que estes personagens tornam-se personificados por elas, em suas brincadeiras. As atividades físicas chamam-lhe a atenção poderosamente: apostam corridas, lutam com violência, sobem em árvores, brincam, imitando e produzindo ações do dia-a-dia e dos seus heróis. Nesta idade, a criança já está adquirindo a orientação espaço-temporal e apresenta dominância da lateralidade, embora só distinga a esquerda e a direita em si mesma.

As características fundamentais da atividade motora das crianças desta faixa etária são a constância e a tenacidade. Se uma atividade é do seu agrado, embora apresente enormes dificuldades, a criança repetirá constantemente, até conseguir dominá-las por completo. As crianças de 6/7 anos, interessam-se por dominar habilidades que ainda não têm. Os amigos que já possuem certo domínio podem servir de estímulo para a aprendizagem.

Os alunos costumam se reunir em grupos para suas brincadeiras, normalmente separados meninos de um lado e meninas do outro. A aceitação dos colegas é fundamental nesta idade. Têm dificuldades para aceitar o erro e o perder nos jogos. Ao mesmo tempo, são atraídos por brincadeiras que envolvam a competição.

Gostam muito de conversar com seus professores e contar histórias de sua vida em casa. Para qualquer assunto trabalhado em sala, as crianças conseguem estabelecer relações com fatos de sua vivência, e a participação através da oralidade é muito apreciada por eles. Portanto, sempre se faz necessário reservar um tempo de aula para as conversas sobre os conteúdos em questão.

Ainda com relação à sociabilidade, a partir dos 6 anos, a criança deixa para trás o seu egocentrismo e busca integrar-se a um grupo de amigos. Muitas vezes, prefere sair com seus companheiros em vez de ficar em casa com a família. Sente vontade de fazer novas amizades e gosta de realizar atividades sociais com crianças de sua idade, normalmente do mesmo sexo.

No que diz respeito ao julgamento moral, Piaget (1993) considera que a maior parte das regras é transmitida de pai para filho, porém, no caso das brincadeiras infantis, as regras são passadas das crianças mais velhas para as mais novas. Esse mesmo autor comenta que, por volta de 6, 7 anos, as crianças se tornam mais conscientes das regras dos jogos. Essas regras são consideradas sagradas e imutáveis, inventadas pelos pais, por Deus ou por alguma autoridade externa, fase esta denominada de heteronomia.

3.8 A CRIANÇA EM FASE DE ALFABETIZAÇÃO E A COGNIÇÃO

Piaget (1993) também realizou um estudo abrangente sobre a questão dos estágios de desenvolvimento da inteligência, e considera que a criança em torno de 6, 7 anos está em fase de transição, passando do estágio intuitivo para o operatório concreto. Nesta etapa do desenvolvimento cognitivo, a criança aprende a assumir uma série de regras ou normas que todos devem seguir e que não foram inventadas por ela. Desta forma, ela aprende a levar em conta os demais, o que implica um novo nível evolutivo que se afasta da etapa do pensamento egocêntrico, na qual se sente única. Pode-se iniciar nesta faixa etária os jogos com regras, como damas, jogo da velha, baralho, uma vez que a criança tem de contar com a jogada dos demais, e isso a estimulará a desenvolver a capacidade de antecipação de situações, relacionando as ações dela com as dos outros, ao mesmo tempo que a obriga a respeitar e assumir a vez e a assumir seus próprios erros.

Piaget citado em Papalia e Olds (1981) considera a criança desta faixa etária iniciando seu período operacional. Nesta etapa, ela é capaz de usar símbolos para executar operações, ou atividades mentais, em oposição às atividades físicas que eram a base do seu pensar anterior. Seu uso de representações mentais de coisas e eventos lhe permite tornar-se proficiente em classificação, seriação, lidar com números e entender os princípios de conservação. A criança já consegue realizar a descentralização, levando em conta todos os aspectos de uma situação para poder tirar suas conclusões. Compreende também a característica reversível da maioria das operações físicas.

Neste momento, Piaget in Papalia e Olds (1981) também comenta que a criança está diminuindo seu egocentrismo e começando a se perceber como um ser distinto e separado do resto do universo, incluindo outras pessoas e compreendendo os pontos de vista que estas possam ter. A capacidade de colocar-se no lugar de uma outra pessoa melhora a sua comunicação. Isto também afeta sua capacidade para efetuar julgamentos morais, os quais vão se tornando mais flexíveis com a maturação e com as interações de pares. Seu pensamento está se tornando mais estável e lógico, porém ainda tem dificuldade em lidar com idéias abstratas.

Piaget citado em Seber (1995) revela os dois aspectos indissociáveis das construções intelectuais: o afetivo e o cognitivo. Segundo o autor, enquanto o afetivo

fornece condições internas de motivação para o desenrolar das ações, o cognitivo refere-se aos mecanismos de raciocínio, que possibilitam uma compreensão do que acontece nessas ações.

Considerando que as crianças atualmente estão freqüentando os Centros de Educação Infantil desde bem pequenas, o grafismo vem recebendo influência da escola e as formas aprendidas integram-se ao grafismo espontâneo da criança. Sendo assim, com relação ao desenvolvimento da expressão escrita, com aproximadamente 6 anos espera-se que a criança comece a sistematizar seu aprendizado sobre a escrita, passando a escrever com significado, escrevendo comentários, descrições e mensagens.

Porém, não se pode perder de vista que a aquisição dos processos que permitem ler e escrever pode ser considerada uma das aprendizagens mais difíceis para a criança enfrentar, pois exige a utilização de todo o seu potencial cognitivo. Para alcançar esta aquisição, a criança deve ter atingido um desenvolvimento lingüístico, neurológico e perceptual adequados. Em termos lingüísticos, precisa saber articular corretamente e ser capaz de narrar uma seqüência de fatos, ordenando-os logicamente. No aspecto neurológico, deve apresentar uma lateralidade definida, e mostrar um bom equilíbrio corporal. Torna-se também imprescindível que tenha concentração e que seja capaz de traçar linhas diagonais e que possa estabelecer semelhanças e diferenças num desenho.

Portanto, percebe-se que uma construção de conhecimento acerca da leitura e escrita não se trata de uma tarefa simples para a criança...

Quanto à simplicidade, entende-se que do ponto de vista da criança, nada é simples. Ela está em pleno processo de apropriação dos conhecimentos, conquistando compreensão do que a cerca, superando desafios a partir de muito esforço. Por outro lado, é possível fazer com que o caminho desse processo seja percorrido com entendimento e de modo ativo. Para tanto, é importante repetir que precisamos propor situações acessíveis, ajustadas às características evolutivas do período do desenvolvimento em que a criança se encontra. (SEBER, 1995, p. 179).

Finalmente, convém ressaltar que:

Para Piaget (1971) a aprendizagem é possível somente quando há assimilação ativa por parte da criança. Por isso mesmo deve-se colocar toda ênfase na atividade própria da criança. Conforme seu ponto de vista, sem essa atividade não há didática ou pedagogia possível que transforme significativamente a criança. (SEBER, 1995, p.179).

Exatamente por isto, torna-se tão importante a discussão acerca das metodologias e procedimentos adotados no processo de alfabetização. Valorizar a participação ativa por parte da criança, envolvendo-a em uma aprendizagem que desperte a sua curiosidade, dentro das características de sua faixa etária.

3.9 A PERSONALIDADE DA CRIANÇA EM FASE DE ALFABETIZAÇÃO

Já, considerando a teoria psicanalítica de Freud, citada em Papalia e Olds (1981) a criança em fase de alfabetização está numa fase de desenvolvimento de uma estrutura mental ou instância psíquica denominada superego, uma espécie de voz da consciência ou censura do ego. O superego, nesta idade, em geral é bastante rígido, e a criança internaliza totalmente o código de condutas morais e valores de seus pais e procura se identificar com eles, em especial na identificação sexual (ser como papai para o menino, ser igual à mamãe para a menina).

De acordo com Papalia e Olds (1981) Freud chamou esta etapa de período de latência, considerando-o como uma fase de relativa "tranqüilidade" sexual, levando-se em conta os turbulentos anos pré-escolares e as tormentas da adolescência. Porém, o conceito de latência sexual não implica em ausência de sexualidade. As crianças continuam a exploração, a pensar e a falar a respeito das questões sexuais, porém de uma forma mais amena, não tão observável como em outros períodos.

Alguns mecanismos de defesa também podem se desenvolver nesta idade, uma vez que o ego da criança está em pleno desenvolvimento, e seu autoconceito pode se sentir ameaçado, precisando recorrer a alguns mecanismos, os quais podem persistir durante a vida adulta. São eles: regressão, repressão, sublimação, projeção e formação reativa.

Já Erikson, autor da Teoria de Desenvolvimento Psicossocial, citado em Papalia e Olds (1981), defende que, durante os anos escolares, as crianças aprendem as habilidades de suas culturas a fim de se prepararem para o trabalho adulto. Além disso, ele comenta que esta é a idade em que a produtividade se torna importante. As crianças já não se contentam em brincar, precisam se esforçar, trabalhar com ferramentas de sua sociedade, o que as ajuda a crescer e a formar um autoconceito positivo.

Ainda, segundo este autor, estes são anos cruciais para o desenvolvimento da auto-estima, em que as crianças querem obter reconhecimento por seus próprios esforços. Ele também vê esta etapa como intermediária, uma época de relativa latência física e sexual e de rápido crescimento cognitivo.

Finalmente, convém ressaltar que um fator de unanimidade entre os autores que tratam da questão da personalidade da criança, é o estabelecimento de uma auto-imagem positiva. Percebe-se que provavelmente a questão mais importante para o pleno desenvolvimento da criança, seja a construção de uma auto-imagem favorável.

O aluno que apresenta uma atitude favorável com relação a sua auto-imagem confia em suas próprias capacidades, está pronto a receber críticas sem ficar perdido, resolve problemas de modo original e inovador e consegue superar os obstáculos frente a novas aprendizagens.

3.10 A SIGNIFICAÇÃO DA ESCRITA PELA CRIANÇA

Partindo-se do conhecimento sobre as características da criança em fase de alfabetização, percebe-se que este momento de aprendizagem constitui para ela o alicerce na construção de sua relação com o conhecimento. Portanto, é uma etapa fundamental de aprendizagem.

Para tanto, é necessário que o educador tenha bastante clareza na escolha dos procedimentos e da forma como a criança irá apreender os conhecimentos com relação à escrita.

Na recente pesquisa de Ferreiro e Teberosky (1979) sobre a psicogênese da linguagem escrita, as autoras apontam justamente que os métodos de alfabetização e os procedimentos de ensino baseados em concepções adultas não estão de acordo com os processos de aprendizagem e as progressões das noções infantis sobre a escrita. Partindo do pressuposto de que a criança é sujeito ativo e conhecedor, elas indicam a importância de se compreender a lógica interna das progressões das noções infantis sobre a escrita, mostrando que as crianças exigem de si mesmas uma coerência rigorosa no processo de construção do conhecimento. (SMOLKA, 2000, p. 50).

Lemos in Rojo (1998) comenta sobre outro aspecto importante a ser considerado, a suposição, para os já alfabetizados, de que a escrita é transparente para aqueles que não sabem ler. Desta forma, o professor-alfabetizador tende a pensar que a simples apresentação ou exposição de relações entre letras ou sons poderia levar os alunos à compreensão do mecanismo da escrita.

Na verdade, penso que é a pressuposição de transparência da escrita que explica pelo menos parte das dificuldades do alfabetizado-professor em atribuir algum saber sobre a escrita ao alfabetizando. Ao projetar sobre o alfabetizando sua própria relação com a escrita, o alfabetizado fica impedido de "ler" os sinais – orais ou gráficos- em que o primeiro deixa entrever um momento particular de sua particular relação com a escrita. (LEMOS, 1998, p.17).

Cagliari in Rojo (1998) também observa que a criança passa por um longo caminho até chegar a descobrir o que precisa para saber decifrar e ler o nosso sistema da escrita, da mesma forma que o cientista trabalha muito para chegar à verdade e decifrar um sistema antigo de escrita

O sábio progride à medida que compara o que já fez com uma nova descoberta. A criança procede da mesma maneira. Por essa razão, é importante que as descobertas parciais já feitas sejam explicitadas, registradas, para que possam ir se constituindo em elementos com os quais as pessoas vão construindo o seu conhecimento a respeito do objeto que investigam e estudam (CAGLIARI, 1998, p. 63).

Desta forma, observa-se que a alfabetização se constitui a partir de um processo, processo este que é carregado de significados, uma vez que a leitura e escrita garantem a continuidade da construção de conhecimentos acerca da humanidade e de tudo aquilo que ela já produziu e que venha a produzir, em termos científicos e tecnológicos. Qualquer tecnologia só terá sentido a partir da palavra, ou seja, é a palavra que transforma e re-significa a ação humana.

Finalmente, convém citar Smolka (2000) quando comenta a questão de um dos problemas da alfabetização no contexto atual:

O problema, então, é que a alfabetização não implica, obviamente, apenas a aprendizagem da escrita de letras, palavras e orações. Nem tampouco envolve apenas uma relação da criança com a escrita. A alfabetização implica, desde a sua gênese, a constituição do sentido. Desse modo, implica mais profundamente, uma forma de interação com o outro pelo trabalho da escritura - para quem eu escrevo o que escrevo e por quê (SMOLKA, 2000, p. 69)

Diante desta constatação, faz-se necessário repensar a prática em sala de aula de classes de alfabetização. Precisa-se buscar o novo, de forma consciente e conhecedora da realidade do aprender a ler e escrever.

A seguir, será discutida uma nova proposta de trabalho em alfabetização, buscando-se relacionar os aspectos já abordados anteriormente, com uma visão de trabalho baseada em projetos, os quais envolveriam todas as disciplinas trabalhadas com o aluno, de forma contextualizada.

3.11 O SENTIDO DA INTERDISCIPLINARIDADE NA EDUCAÇÃO

O processo educativo sofreu enormes transformações nas últimas décadas. O fato de a sociedade ter se modificado a partir do avanço tecnológico e do encurtamento das distâncias por meio da internet, permitiu um rápido acesso às informações do mundo todo, de forma globalizada.

Exatamente por este fato, não se pode mais conceber um processo de aprendizagem que não se baseie na totalidade, portanto faz-se necessário trabalhar com as intrincadas relações do saber, estabelecendo conexões na construção de novos conhecimentos.

Além disso, o fato de se propiciar diferentes ambientes e situações de aprendizagem torna a construção de novos conhecimentos muito mais empolgante e criativa, uma vez que é fundamental considerar que os educandos aprendem de maneiras diferentes...

Com isso, não nos afastamos de alguns princípios, que deveriam ser básicos na educação, que é levar em consideração a particularidade, a individualidade, e não esquecer que cada aluno aprende de uma forma e por modos diferentes. Desconsiderando estes princípios, nunca poderemos falar em aprendizagem significativa. (NOGUEIRA, 2001, p. 85)

O trabalho propicia também a ampliação das possibilidades de se desenvolver os conteúdos do planejamento, uma vez que se pode ir além da sua forma conceitual e se articular diferentes áreas do conhecimento. Este conhecimento precisa ser construído a partir da idéia de integração, de se buscar trabalhar o todo, precisa ser estabelecido um trabalho de parceria entre as diferentes áreas de conhecimento. Observa-se que:

A interdisciplinaridade, no campo da ciência, corresponde à necessidade de superar a visão fragmentadora de produção do conhecimento, como também de articular e produzir coerência entre os múltiplos fragmentos que estão postos no acervo de conhecimentos da humanidade. Trata-se de um esforço no sentido de promover a elaboração de síntese que desenvolvam a contínua recomposição da unidade entre as múltiplas representações da realidade. (LÜCK, 1995, p. 59)

Desta forma, percebe-se que o objetivo da interdisciplinaridade se relaciona com uma superação da visão restrita de mundo, buscando-se compreender a

realidade, e a partir desta compreensão, construir um conhecimento dinâmico e significativo para o educando, bem como para o educador.

Lück (1995) cita várias descrições, a partir de óticas diferentes, a respeito da palavra interdisciplinaridade:

- Visão de conjunto de uma realidade, mediante permanente associação das diferentes dimensões (disciplinas) com que pode ser analisada;
- Visão global e não fragmentada da realidade;
- Articulação orgânica de conteúdos e de disciplinas;
- Busca de interação entre duas ou mais disciplinas;
- Movimento de interação de áreas do conhecimento diferentes, visando a superação da visão fragmentada da realidade;
- Metodologia pluralista, caracterizada por crítica permanente;
- Movimento de saber orientado pela busca permanente de relações recíprocas de conhecimento, de maneira a deslocar suas fronteiras;
- Via possível de ampliação do exercício crítico;
- Uma ferramenta utilizada para produzir novos conhecimentos, pela integração dos já produzidos;
- Síntese de duas ou mais disciplinas, de modo a estabelecer um novo nível de representação da realidade, mais abrangente, de que resulta o estabelecimento de novas relações.

A partir destas proposições, evidencia-se que o trabalho interdisciplinar em educação consiste basicamente em superar uma visão fragmentada da realidade, buscando-se desenvolver os conteúdos de forma global, interligada. A construção do conhecimento por parte do aluno acontece sob a forma de uma síntese, relacionando os conteúdos assimilados de forma significativa e mais abrangente. Diante disto, o aluno consegue estabelecer uma nova consciência da realidade, um novo modo de pensar, o qual resulta numa troca, numa reciprocidade e integração entre as diferentes áreas de conhecimento.

Lück (1995) conceitua a interdisciplinaridade como um processo que envolve a integração e engajamento de educadores, num trabalho conjunto, de interação das disciplinas do currículo escolar entre si e com a realidade, de modo a superar a

fragmentação do ensino, objetivando a formação integral dos alunos, a fim de que possam exercer criticamente a cidadania, mediante uma visão global de mundo e serem capazes de enfrentar os problemas complexos, amplos e globais da realidade atual.

3.12 O PAPEL DO EDUCADOR NO LETRAMENTO COMO “PROFESSOR-LETRADOR”

Paulo Freire (1990), afirma que para o educador, o ato de aprender “é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito”. Esta constatação não está relacionada somente ao educando, pois sabemos que o educador tem que estar sempre adquirindo novos aprendizados, lançando-se a novos saberes, e isto, resulta em mudanças de vários aspectos, como também, gera o enriquecimento tanto para o educador quanto para o educando, que com certeza lucrará com esse desenvolvimento. Então, necessário é que o educador atente-se para aquilo que é sumariamente importante na sua formação, ou seja, “o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática”, e, “quanto mais inquieta for uma pedagogia, mais crítica ela se tornará” (FREIRE, 1990). O mesmo afirma que a pedagogia se tornará crítica se for investigativa e menos certa de certezas, pois o ato de educar não é uma doação de conhecimento do professor aos educandos, nem transmissão de idéias, mesmo que estas sejam consideradas muito boas. Ao contrário, é uma contribuição no “processo de humanização”.

Processo este de fundamental papel no exercício de educador que acredita na construção de saberes e de conhecimentos para o desenvolvimento humano, e que para isso se torna um instrumento de cooperação para o crescimento dos seus educandos, levando-os a criar seus próprios conceitos e conhecimento. O profissional de educação deve ser capaz de fazer sua interferência na realidade, o que certamente, gerará novos conhecimentos, e isto, é bem mais elevado do que simplesmente se enquadrar na mesma. Já mencionamos por várias vezes que o letramento é um fenômeno social; logo, essa intervenção que se faz necessária pode ser proporcionada por ele.

O letramento não está restrito ao sistema escolar, mas vamos neste trabalho nos ater nesse meio por considerar que cabe à escola, fundamentalmente, levar os seus educandos a um processo mais profundo nas práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita. Saber ler e escrever um montante de palavras não é o bastante para capacitar o indivíduo para a leitura diversificada, neste ponto entendemos que surge a necessidade de se letrar os sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem.

Para o educador se tornar um “professor-letrador” necessário se faz que, primeiramente, obtenha informações a respeito do tema, as suas dimensões e, sobretudo, a sua aplicação. Essa última é desenvolvida através de pesquisas e investigação, que geram subsídios-suportes. Entretanto, mediar subsídios para educadores é uma tarefa difícil de ser exercida, pois sabemos que alguns desses profissionais, num determinado momento, se colocam em uma posição quase inatingível, completos de suas certezas. Porém, se há mutações contínuas na sociedade contemporânea, e essas refletem em todos os setores, inclusive na escola, é lógico que a cristalização dos saberes do educador é um equívoco, pois o conhecimento nunca se completa, ou se finda, e o letramento é um exemplo claro disso. Reconhecidamente, enfatizamos a importância da aplicação, ou a prática do letramento por parte do professor, e em análise, ainda não finalizada, destacamos alguns passos fundamentais para o desempenho do papel do “professor-letrador”:

a) Investigar as práticas sociais que fazem parte do cotidiano do aluno, adequando-as a salde aula e aos conteúdos a serem trabalhados;

b) Planejar suas ações visando ensinar para que serve a linguagem escrita e como o aluno poderá utilizá-la;

c) Desenvolver no aluno, através da leitura, interpretação e produção de diferentes gêneros de textos, habilidades de leitura e escrita que funcionem dentro da sociedade;

d) Incentivar o aluno a praticar socialmente a leitura e a escrita, de forma criativa, descobridora, crítica, autônoma e ativa, já que a linguagem é interação e, como tal, requer a participação transformadora dos sujeitos sociais que a utilizam;

E) Reconhecimento, por parte do professor, implicando assim o reconhecimento daquilo que o educando já possui de conhecimento empírico, e respeitar, acima de tudo, esse conhecimento;

F) Não ser julgativo, mas desenvolver uma metodologia avaliativa com certa sensibilidade, atentando-se para a pluralidade de vozes, a variedade de discursos e linguagens diferentes;

G) Avaliar de forma individual, levando em consideração as peculiaridades de cada indivíduo;

H) Trabalhar a percepção de seu próprio valor e promover a auto-estima e a alegria de conviver e cooperar;

I) Ativar mais do que o intelecto em um ambiente de aprendizagem, ser professor-aprendiz tanto quanto os seus educandos;

J) Reconhecer a importância do letramento, e abandonar os métodos de aprendizado repetitivo, baseados na descontextualização.

Contudo, as insuficiências do sistema escolar na formação de indivíduos absolutamente letrados não sucedem somente pelo fato de o “professor não ser um representante pleno da cultura letrada, nem das falhas num currículo que não instrumentaliza o professor para o ensino” (KLEIMAN, 1995: 47), pois essas falhas são mais enraizadas, porque são produtos do modelo imposto pelo sistema padrão de ensino. Quando nos dermos conta de que o processo natural de desenvolvimento do ser humano é massacrado pela escola, e por suas equivocadas práticas de ensino, seremos aptos a promover o letramento. Na intenção de compreender os caminhos percorridos (ou perdidos) para a transformação da escolarização, e analisando especificamente o recorte investigado neste trabalho, somos levados a considerar a hipótese de que o despreparo e desinformação dos profissionais e, ainda, os acadêmicos da área de educação promovem a distância entre a assimilação prática e conceitual do letramento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os profissionais atuantes em sala de aula devem estabelecer critérios para analisar a prática pedagógica e devem estar abertos as mudanças. O fato de se estarem envolvidos neste processo, faz com que, nem sempre, tenham um olhar verdadeiramente crítico para uma tentativa de mudança. A criação de uma nova proposta didática de trabalho em sala de aula (neste caso, da alfabetização) deve ser analisada e criteriosamente avaliada no decorrer do processo de aprendizagem, para poder avaliar a real concretização dos objetivos a que se propõe.

Para que essa nova visão de alfabetização se concretize, dentro da realidade escolar, faz-se necessário o comprometimento profissional. Os educadores precisariam trabalhar em parceria, modificando também sua estrutura de planejamento. Para que essa nova visão de alfabetização se concretize, dentro da realidade escolar, faz-se necessário o comprometimento profissional.

No entanto, além da necessidade de mudança de planejamento e da parceria para um trabalho de alfabetização significativo a escola também precisa dar a sua parcela de contribuição e de mudança. Precisa fornecer subsídios de apoio para a efetivação com êxito da prática docente, também precisará contribuir com uma parcela nesta mudança.

O planejamento, em todos os seus aspectos envolvidos precisam ser flexíveis para possibilitar e facilitar o encaminhamento das atividades. Faz-se necessário ter em mente que tentar criar relações forçadas entre conteúdos que não se encaixam, acabam comprometendo o andamento dos procedimentos didáticos.

Outro ponto de apoio fundamental por parte da escola consiste em promover espaços de discussão para troca de experiências e parcerias entre os professores, como forma de se organizar e avaliar o trabalho constantemente. Percebe-se que este tipo de encaminhamento só possibilitará êxito efetivo, se devidamente, discutido e avaliado pelos educadores que dele fazem parte.

O trabalho na alfabetização é de fundamental importância em qualquer etapa de aprendizagem. Trabalhar com o aluno de forma significativa deve ser preocupação de todos os educadores, não somente no processo de alfabetização. A leitura e escrita precisam ser integradas em todas as disciplinas, uma vez que é a base de todo e qualquer trabalho de pesquisa e construção do conhecimento por

parte do aluno. Convém destacar que não se trata da busca de uma metodologia de alfabetização, mas sim de uma nova abordagem. Neste sentido cabe ao professor regente a escolha de técnicas, atividades lúdicas e avaliações que venham de encontro a esta proposta, buscando uma integração com as demais disciplinas, na tentativa de uma alfabetização carregada de significados para o aluno.

Concluindo, diria que é fundamental que os profissionais em educação estejam em constante interação e parceria, adaptando-se às novas tecnologias e buscando aperfeiçoamento por meio da pesquisa, para garantir a seus alunos a real aprendizagem significativa, sendo compreendida, utilizada e lembrada no decorrer da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTELHEIM, Bruno; ZELAN, Karen. **Psicanálise da alfabetização**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

CAGLIARI, L. C. **A leitura nas séries iniciais**. In: **Leitura: teoria & prática**, Revista semestral da associação de Leitura do Brasil, n. 12, ano 7, Campinas-SP, 1998.

CARVALHO, Marlene. **Guia Prático do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 2002.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo; DONALDO, Macedo. **Alfabetização: leitura da palavra leitura do mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

KLEIMAN, Ângela B. (org). **Os significados do letramento**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.

_____. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LEITE, Sérgio A S.; SOUZA, C. B. de. **A alfabetização nos cursos de habilitação para o magistério**. In: Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 94, p. 15-24, ago, 1995.

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 2001.

LÜCK, Heloisa. **Pedagogia interdisciplinar, fundamentos teórico-metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 1995.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt (org). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre: Editora Universidade/ UFRGS, 2001.

NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. **Pedagogia dos Projetos**: uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências. São Paulo: Érica, 2001.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos. **O mundo da criança**. São Paulo: Mc Graw Hill do Brasil, 1981.

PIAGET, Jean. INHELDER, Barbel. **A psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1993.

ROJO, Roxane (org). **Alfabetização e letramento**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998.

SEBER, Maria da Glória. **Psicologia do pré-escolar**: uma visão construtivista. São Paulo: Moderna, 1995.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita**. São Paulo: Cortez, 2000.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. **Letrar é mais que alfabetizar**. In: **Nossa língua – nossa pátria**. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 2000.

_____. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2ª ed. 2ª impr. Belo Horizonte: Autêntica, 2000b.

_____. **Novas práticas de leitura e escrita**: letramento na cibercultura. In: *Educ. Soc.*, Campinas, vol.23,n. 81, p.143-160, dez.2002.

SOUZA, G. G. de et alii. (s/d). **Revista científica e aprendizagem lúdica em sala de aula, s/l**.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Cortez, 1995.
(Coleção Questões de nossa época)